

# Entre a razão e a emoção no discurso argumentativo: uma breve reflexão

Francisco Leandro Oliveira Queiroz<sup>1</sup>

Welton Pereira e Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

No presente artigo, objetivamos refletir acerca da dicotomia razão/emoção no processo argumentativo sob a luz da Análise do Discurso, nomeadamente da Teoria Semiociológica do Discurso, proposta por Patrick Charaudeau. Inicialmente, é feito um resgate histórico dos termos razão e emoção, começando por Aristóteles, na Retórica, o autor já citava alguns tipos de emoção. René Descartes, no século XVII, faz uma ponderação acerca da supremacia da razão sobre a emoção. Se, até então, a dicotomia razão/emoção era tratada essencialmente no seio da Filosofia, no século XIX, razão e emoção passam a ser tratadas por outras várias ciências, que emergiam naquele século. Em seguida, são tratados os termos logos, pathos e ethos. O primeiro é entendido como o discurso lógico, racional, enquanto que o segundo é entendido como emoção, paixão; já o ethos é focado no orador, formando, portanto, segundo Aristóteles, os três elementos do discurso persuasivo. Na continuação, é tratado especificamente o objeto do presente trabalho, que é o uso da razão e da emoção no discurso argumentativo, sob a luz da Teoria Semiociológica do Discurso. O corpus utilizado para a análise é uma carta produzida em 2013; nela são observados os usos dos elementos produtores do discurso persuasivo. São explicitados algumas estratégias de persuasão e muitos usos lógicos e patêmicos utilizados pelo sujeito argumentante. A seguir, são feitas as considerações finais acerca do uso da razão e emoção na construção de um discurso argumentativo, na ótica da Análise do Discurso e, embasadas na Teoria Semiociológica do Discurso, pode-se ver como as relações entre logos e pathos se dão no interior de um texto empírico. Por fim, é discorrido sobre a predominância ou não de um discurso racionalizante ou patêmico nos enunciados com finalidade persuasiva, e, então, sobre a necessidade ou não de haver a dicotomização entre razão e emoção.

**Palavras-chaves:** Discurso argumentativo. Razão. Emoção.

## RESUMEN

*En el presente artículo, objetivamos reflexionar respecto a la dicotomía razón/emoción en el proceso argumentativo bajo la luz del análisis del Discurso, nombradamente, de la Teoría Semiociológica del Discurso, propuesta por Patrick Charaudeau. Inicialmente, es hecho un rescate histórico de los términos razón y emoción, empezando por Aristóteles, en la Retórica, el autor ya citaba algunos tipos de emoción. René Descartes, en el siglo XVII, hace una ponderación sobre la supremacía de la razón sobre la emoción. Si hasta ese momento, la dicotomía razón/emoción era tratada esencialmente en el seno de la Filosofía, en el siglo XIX, razón y emoción pasan a ser tratadas por otras varias ciencias, que emergían en aquel siglo. En la continuación, son planteados los términos logos, pathos y ethos, el primero es entendido como discurso lógico, el segundo es entendido como emoción, pasión, mientras que el ethos es enfocado en el orador, formando, por tanto, para Aristóteles, los tres elementos del discurso persuasivo. A seguir, es abordado específicamente el objeto del presente trabajo, que es el uso de la razón y de la emoción en el discurso argumentativo, bajo la luz de la Teoría Semiociológica del Discurso. El corpus utilizado para el análisis es una carta producida en 2013, en ella, son observados los usos de los elementos productores del discurso persuasivo. Son explicitados algunos estrategias de persuasión y usos lógicos y patêmicos utilizados por los sujetos argumentantes. Son hechas las consideraciones finales sobre el uso de la razón y emoción en la construcción de un discurso argumentativo, bajo la óptica del Análisis del Discurso y, basados, en la Teoría Semiociológica del Discurso, se puede ver como las relaciones entre logos y pathos se dan en el interior de un texto empírico, al final, es discorrido sobre la predominancia o no de un discurso racionalizante o patêmico en los enunciados con finalidad persuasiva y, finalmente, sobre la necesidad o no de haber la dicotomización entre razón y emoción.*

**Palabras clave:** Discurso argumentativo. Razón. Emoción.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Licenciado em Português pela Universidade de Coimbra – PT. Discente de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Campo Grande, atuando na Superintendência de Gestão de Políticas Educacionais da Secretaria Municipal de Educação.

<sup>2</sup> Doutorando em Letras Vernáculas -Língua Portuguesa – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Introdução

No presente artigo, objetivamos refletir acerca da dicotomia razão/emoção no processo argumentativo sob a luz da Análise do Discurso, nomeadamente da Teoria Semiolinguística do Discurso proposta por Patrick Charaudeau. Desde os tempos clássicos, a razão foi entregue à faculdade do pensar, da lógica, do racional, enquanto que à emoção foi reservado um lugar relativamente inferior, considerada capaz de alterar juízos racionais, sendo colocada, assim, como uma contraparte, ou mesmo inimiga, do pensamento lógico.

No entanto, as emoções fazem parte do processo cognitivo e contribuem para o aprendizado, conforme vem sendo comprovado por estudiosos de diversas ciências humanas e biológicas. Dessa forma, a razão e a emoção não são mais consideradas como excludentes. Na análise do discurso, essa relação vai um pouco mais além, pois, por serem intencionais, as emoções também são compreendidas como racionais, de acordo com Charaudeau (2010). No presente trabalho a partir da análise de um texto, tentaremos mostrar que, no discurso, o pensamento racionalizante e as emoções podem estar intrinsecamente ligados. Antes disso, porém, uma breve contextualização é necessária.

### 1. Uma breve contextualização

A dicotomia razão/emoção suscita debates e reflexões filosóficas desde o período clássico. Na *Retórica*, Aristóteles já nos falava sobre alguns tipos de emoções que poderiam alterar o julgamento de valor dos homens, tornando-os mais susceptíveis a certos argumentos. Assim, desde a retórica clássica, a separação entre o caráter racional e emocional do homem já é objeto de debates. Dando continuidade a essa tradição, no século XVII, René Descartes, entendido como um dos principais expoentes do Racionalismo, também ponderou acerca da supremacia da razão sobre a emoção. Para Esperidião-Antônio et al.(2008),

Assim, pois, a complexa relação emoção-razão tornou-se mote recorrente no pensamento de diferentes filósofos, os quais formularam concepções, as mais variadas, para explicar as origens e o papel das emoções na condição humana. Este foi, precisamente, o caso do pensador francês René Descartes, que, em suas *Meditações Metafísicas*, chega à concepção de uma substância pensante (*res cogitans*) completamente separada da “substância do mundo” (*res extensa*), facultando, assim, uma genuína cisão entre corpo e mente. Para Descartes, a *res cogitans* pertence à razão e ao pensamento, enquanto ao corpo (*res extensa*) pertencem as emoções, caracterizáveis como confusas e não críveis em relação aos conteúdos de verdade (ESPERIDIÃO-ANTÔNIO et al., 2008, p. 56).

No pensamento de Descartes (2009), encontramos uma cisão entre a mente e o corpo, este ligado às emoções e aquela à razão. Devendo a razão ser priorizada nos estudos, ponto de vista que lançou as bases para todo o pensamento racionalista. No entanto, para Lima (2006), essa forma de pensar a relação entre a razão e a emoção acabou por atrasar os estudos científicos acerca das emoções.

A partir do século XIX, a relação entre a razão e a emoção passou a ser tratada, também, no interior de outras ciências e deixou de ser objeto puramente filosófico. Disciplinas como a psicologia, a psicanálise e a biologia e, mais recentemente, as neurociências, passaram a tentar encontrar, no cérebro, as bases neurobiológicas das emoções. De acordo com Esperidião-Antônio et al.(2008),

Apesar desses avanços, muito se tem discutido sobre a possibilidade de se tratar, cientificamente, as questões relativas à emoção. Com o desenvolvimento das neurociências, postula-se que, como a percepção e a ação, a emoção é relacionada a circuitos cerebrais distintos. Ademais, as emoções estão geralmente acompanhadas por respostas autonômicas, endócrinas e motoras esqueléticas – que dependem de áreas subcorticais do sistema nervoso –, as quais preparam o corpo para a ação. Com efeito, acredita-se que a ciência será capaz de explicar aspectos biológicos relacionados à emoção, mas não o que é a emoção: esta

Ou seja, apesar dos muitos avanços realizados no interior dessas disciplinas diversas, no que diz respeito à compreensão das bases biológicas das emoções, a ciência, como um todo, ainda não é capaz de responder à pergunta do que seria a emoção. Discussão que o autor acima mencionado prefere deixar a cargo da filosofia. É importante frisar, no entanto, que não convém, em um texto que se propõe a refletir acerca da razão e emoção no discurso, apresentarmos aqui uma discussão aprofundada a respeito da natureza biológica das emoções.

Antes disso, preferimos fazer apenas uma breve contextualização, nada exaustiva ou muito rigorosa, a respeito da forma como a relação entre a razão e a emoção foi tratada por diferentes disciplinas. Isto posto, passaremos, na próxima seção, a refletir acerca dessa relação dicotômica no interior dos estudos discursivos.

## 2. Sobre o logos e o pathos

Vimos, anteriormente, que durante muito tempo houve uma cisão entre o que seria o pensamento racional, lógico, e as emoções, responsáveis por distanciar o homem de um raciocínio eficaz. Essa percepção acerca das emoções já era encontrada na *Retórica* de Aristóteles, obra na qual o filósofo procurou discorrer a respeito das melhores formas de se convencer alguém por meio da argumentação, ou seja, o exercício da retórica. Podemos entender, embasados no que nos deixou Aristóteles, que o *logos* seria a utilização dos argumentos lógicos, racionais e objetivos, sendo passíveis de prova, enquanto que a utilização dos argumentos ligados ao *pathos*, termo que pode ser entendido como emoção, paixão, seriam utilizados com a finalidade de comover de forma mais efetiva o auditório, para quem é destinada a argumentação.

Ao lado do uso de argumentos lógicos, demonstrativos, por um lado; e, por outro, do uso de argumentos que visam a levar os ouvintes a sentirem determinadas emoções, Aristóteles nos apresenta o uso de argumentos fundamentados no caráter do orador, o *ethos*. Esses são os três elementos de persuasão apresentados na *Retórica*, pois, de acordo com Aristóteles, “as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

As noções de *logos*, *pathos* e *ethos* foram incorporadas por alguns pesquisadores em Análise do Discurso. Nessa disciplina, o *logos* pode ser compreendido como o uso da linguagem embasado no raciocínio lógico e na apresentação de provas, exemplos, comparações etc. Dessa forma, o ato de linguagem, por si só, já é chamado de *logos*. O *pathos*, por sua vez, se embasa na possibilidade de, por meio da natureza de seu discurso, o sujeito argumentante procurar despertar determinadas emoções em seu interlocutor. É interessante ressaltar que ao analista do discurso cabe analisar os argumentos passíveis de suscitar uma determinada emoção no alvo e não se a emoção foi realmente motivada. Nessa perspectiva Charaudeau (2010), afirma que:

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido* (CHARAUDEAU, 2010, p. 34)

Ou seja, podemos ver quais tipos de emoções podem ser suscitadas por um argumento, mas saber se o efeito foi produzido no interlocutor já é alçada das neurociências e foge do arcabouço teórico e

metodológico da Análise do Discurso. Por fim, o *ethos* diz respeito à imagem que o locutor constrói de si mesmo em seu discurso, ou seja, à identidade construída a partir do que se diz e do como se diz.

A respeito da nossa filiação teórica, nesse texto, estamos nos embasando nos postulados teóricos e metodológicos da Teoria Semiolinguística do Discurso, proposta por Charaudeau (1983) e utilizada por uma série de analistas do discurso, dentre eles, o professor Galinari (2014), que nos ensina que as três instâncias advindas da retórica aristotélica são interligadas. No entanto, por uma questão de cunho metodológico, as três instâncias são analisadas separadamente, conforme salienta Lima (2006),

Desse modo, por uma questão metodológica essas dimensões foram apresentadas separadamente, porém elas estão interligadas, mesmo que haja em alguma circunstância a preponderância de uma ou de outra. Se em uma circunstância poderia haver a preponderância da dimensão da construção de imagens, em outra poderia haver o destaque da dimensão patêmica (LIMA, 2006, p. 158).

Na terceira parte deste manuscrito, analisaremos um texto que servirá de exemplo para compreendermos melhor como as três instâncias são analisadas de forma separada pelo analista do discurso, mas são, ao mesmo tempo, inseparáveis na utilização propriamente dita do discurso. Para entendermos melhor esse aspecto, no entanto, se faz necessária uma rápida explicação acerca do texto argumentativo, de acordo com a teoria por nós adotada.

### **3. Razão e emoção em um discurso argumentativo**

A Teoria Semiolinguística do Discurso, sob a qual baseamos este estudo, nos apresenta quatro Modos de Organização do Discurso a partir dos quais os textos são organizados. Normalmente, os textos nos apresentam todos os modos de organização, dependendo do gênero observado. De acordo com Charaudeau (2012), temos o modo de organização enunciativo, a partir do qual o sujeito se posiciona e posiciona os demais no discurso; o modo narrativo, a partir do qual é contado um fato; o modo descritivo, que nomeia, qualifica, localiza seres no mundo; e o modo argumentativo, a partir do qual o sujeito organiza seu discurso de modo a convencer alguém acerca de alguma coisa. Para a Semiolinguística, na argumentação, o sujeito parte de uma premissa (asserção de partida) para chegar a uma conclusão (asserção de chegada), passando por algumas provas, argumentos (asserção de passagem).

Na Teoria Semiolinguística, quando o sujeito argumentante deseja persuadir o seu interlocutor, ele pode lançar mão de algumas estratégias discursivas. Essas estratégias dizem respeito à credibilidade dos argumentos do locutor, ao quão verídico são suas palavras, à legitimidade do locutor, a quem é ele e à captação do interlocutor, como o sujeito que argumenta e tenta fazer com que seu auditório aceite suas ideias. Fazer com que o auditório, os interlocutores, adiram às teses levantadas pelo sujeito que argumenta, o orador, é a principal finalidade da argumentação, conforme nos explicam Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005). Essas estratégias discursivas, a credibilidade, legitimidade e captação, estão relacionadas às instâncias do *logos*, *ethos* e *pathos*, que mantêm uma constante inter-relação, conforme vimos anteriormente. Para uma melhor compreensão acerca dessa questão, observe o trecho abaixo:

a) Estou lhe escrevendo para pedir que ajude meu filho que está precisando de um transplante de coração.

O coração dele tem muitos problemas: uma válvula foi trocada e a outra estragou de novo, tem o coração grande e fraco, além disso os pulmões dele também estão estragados.

Os argumentos acima foram retirados de uma carta de pedido de ajuda financeira que está anexada no final deste artigo. O sujeito argumentante se posiciona na identidade de mãe que pede auxílio para o filho adoentado. Observe que a finalidade da carta já aparece logo no primeiro enunciado por meio do que Charaudeau (2012), chama de articulação lógica da finalidade que se inscreve numa relação de “causalidade explicativa”, ou seja, há a explicação do motivo de se escrever a carta por meio de um argumento lógico. Além disso, encontramos o procedimento discursivo da acumulação, já que “muitos problemas” são citados para corroborar a tese levantada, a princípio, que dizia que o filho estaria precisando de um transplante de coração. Além dessas relações lógicas, não podemos deixar de notar que o teor do texto é altamente patêmico, já que o sujeito argumentante constrói para si o *ethos* de uma mãe preocupada com a vida de seu filho, que se encontra em uma situação fragilizada. Por meio do uso da locução adverbial “de novo” e da adjetivação “grande e fraco” e “estragados”, notamos a intenção do sujeito argumentante em deixar claro o estado de saúde do filho, procurando, assim, captar o interlocutor, o leitor da carta que seria um possível doador.

Continuemos com a análise da carta:

b) O médico falou que ele não pode morar na cidade que ele nasceu, que é no município do Maranhão, e sim na capital de São Luís. Nós somos pobres e não temos condições de comprar uma casa na capital. O benefício que recebia foi bloqueado e não tem dinheiro nem pra comprar remédio.

Novamente, nos deparamos com a utilização de argumentos lógicos, já que o sujeito argumentante começa o enunciado relatando a voz de uma terceira pessoa, o médico, alguém com legitimidade e autoridade. Esse é o recurso da citação de um saber, que é “quando a citação relata uma proposta científica, ou emana de uma pessoa que representa autoridade” (CHARAUDEAU, 2012, p. 241). No entanto, um pouco abaixo no texto, encontramos outro enunciado que, apesar de trazer uma relação lógica de causa e efeito (somos pobres e por isso não temos condições), traz também uma carga patêmica que, possivelmente, despertaria a piedade do interlocutor, já que o sujeito que argumenta explicita sua condição financeira fragilizada, comprovada pelo fato de o benefício ter sido bloqueado.

Por fim, observemos os enunciados finais da carta:

c) A última cirurgia foi no dia dezenove de novembro de 2012 e foi colocado o marcapasso. E o transplante de coração tem que fazer rápido, está precisando com urgência de um novo coração.

Nesse excerto, notamos que há a explicitação da rapidez necessária para que o transplante seja realizado, pois o filho “está precisando com urgência de um novo coração”. Mesmo tendo explicitado a necessidade de urgência, por meio da utilização dos termos “fazer rápido” e “com urgência”, notamos que o sujeito que argumenta faz uso da explicação pragmática, pois há a explicação do porquê é necessário que se faça o transplante rapidamente.

Apesar de podermos nos prolongar bastante, já que o texto analisado apresenta muitos usos lógicos e patêmicos de argumentos, optamos por apresentar apenas esses com a finalidade de explicitarmos as relações intrínsecas entre a razão, o uso de argumentos racionalizantes, e a emoção, o uso de argumentos patêmicos, no discurso. Como pudemos perceber, apesar de ser uma carta cujo objetivo principal é captar o interlocutor, por meio do despertar de emoções como a piedade, o sujeito argumentante faz uso de procedimentos discursivos ligados à racionalidade, à lógica. Esse simples exemplo demonstra que, apesar da necessidade metodológica de separarmos as instâncias do *logos*, do *pathos* e do *ethos*, elas surgem em consonância na construção discursiva.

## Considerações finais

Embora tenha sido o cerne de muita discussão filosófica no decorrer de séculos, a Análise do Discurso consegue nos mostrar que a razão e a emoção se tornam inseparáveis, ao menos no que diz respeito ao discurso e à argumentação. Embasados na Teoria Semiolinguística do Discurso, pudemos ver como a relação entre as instâncias do *logos*, ligada à razão, e do *pathos*, ligada à emoção, se relacionam no interior de um texto empírico. Na verdade, conforme pudemos constatar, em um mesmo enunciado, com finalidade persuasiva, embora tenha certa inclinação, ora para o uso de argumentos racionalizantes ora para o uso de argumentos patêmicos, pode trazer uma mescla de procedimentos discursivos pautados em raciocínios lógicos cujo conteúdo pode possuir uma carga patêmica, ou seja, ser passível de despertar determinadas emoções no interlocutor. Com isso, ao menos no seio da Análise do Discurso, a dicotomia razão/emoção não tem razão de existir, a separação é feita, conforme já vimos anteriormente, por razões puramente metodológicas.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours: éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)**. Paris: Hachette, 1983.
- \_\_\_\_\_. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- ESPERIDIÃO-ANTÔNIO, Vanderson et al. Neurobiologia das emoções. **Revista de Psiquiatria Clínica**. n. 35, v. 2, pp. 55-65, 2008.
- GALINARI, Melliandro Mendes. **Logos, Ethos e Pathos: “três lados” da mesma moeda**. Alfa, São Paulo, 58 (2), pp. 257-285, 2014.
- LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. **Na tessitura do Processo Penal: a Argumentação no Tribunal do Júri**. 2006. 260 f. Tese (doutorado). Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## Anexo – Carta de uma mãe pedindo auxílio financeiro

Estou lhe escrevendo pra pedir, que ajude meu filho. Qui está precisando de um transplante de coração.

O coração dele tem muitos problemas, uma válvula foi trocada e a outra entupida de novo, tem o coração grande e fraco, além disso os pulmões dele também está estragado.

O médico falou que ele não pode morar na cidade que ele nasceu, que é no município de Maranhão, e se na capital de São Luís.

Nós somos pobre e não temos condições de comprar uma casa na capital.

O benefício que recibia foi bloqueado e não tem dinheiro nem para comprar remédio.

A última cirurgia foi no dia dezesseis de dezembro <sup>de 2013</sup> foi colocado o marca passo.

E o transplante de coração, tem que fazer rápido, está precisando com urgência de um novo coração.

Rua = Pedro Bruno Alves n: 99

Bairro = Novo Castelo

Chapadinha - MA

19/01/2013

Assina = Aurideia Cardial da Silva